

# A EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE ESCOLHERAM NÃO TER FILHOS: UMA REVISÃO DE ESTUDOS EMPÍRICOS

THE EXPERIENCE OF CHILDFREE WOMEN:  
A REVIEW OF EMPIRICAL STUDIES

Recebido em: 9 de abril de 2023

Aprovado em: 20 de junho de 2023

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RCO | a. 15 | v. 2 | p. 264-288 | jul./dez. 2023

DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3396>

**Laura Moraes Ribeiro** [lauramoraes\\_r@hotmail.com](mailto:lauramoraes_r@hotmail.com)

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Porto Alegre/Brasil).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0586-4153>

**Rita de Cássia Sobreira Lopes** [sobreiralopes@portoweb.com](mailto:sobreiralopes@portoweb.com)

PhD em Psicologia em Psicologia pela University of London (Londres/Inglaterra). Professora titular pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Porto Alegre/Brasil)

<https://orcid.org/0000-0002-6433-1648>

## RESUMO

A relevância de investigar as experiências de mulheres que escolheram não ter filhos destaca-se pela permanência da expectativa social em torno da maternidade, apesar do aumento da opção de não ter filhos. Atesta-se a importância de compreender o que tem sido investigado nos cenários nacional e internacional para destacar os avanços na área e os aspectos que devem nortear as próximas investigações. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional acerca da experiência de mulheres que escolheram não ter filhos. Foi utilizada a base de dados internacional *PsycInfo*, utilizando os descritores: "*Childfree*", "*Childless by choice*", "*Voluntary childless*". E as bases de dados nacionais *Lilacs*, *Scielo* e *Pepsic*, utilizando o descritor: "não-maternidade". Foram incluídos artigos empíricos, publicados entre 2010 e 2020, nos idiomas inglês, português e espanhol. Ao total foram selecionados 14 artigos para esta revisão. Trata-se de pesquisas qualitativas acerca da experiência destas mulheres, em que se foca nas motivações, no processo de decisão, na percepção de maternidade e nas repercussões desta escolha nos relacionamentos estabelecidos por estas mulheres. Os estudos internacionais tem demonstrado tendências teóricas e metodológicas que não são utilizadas no contexto nacional, como a descrição detalhada das participantes e a utilização de teorias de gênero e da sexualidade. Portanto, ressalta-se a importância de realização de mais estudos, sobretudo no contexto brasileiro, considerando a escassez da literatura nacional sobre esse fenômeno. Ressalta-se a importância de utilizar determinadas tendências propostas pelos estudos internacionais, pois representam uma complexificação dos estudos na área.

**Palavras-chave:** Não-maternidade. Mulheres. Revisão de literatura.

## ABSTRACT

The relevance of investigating the experiences of childfree women is highlighted by the permanence of social expectations around motherhood, despite the increase in the option of not having children. The importance of understanding what has been investigated in the national and international scenarios is attested, in order to highlight the advances in the area and the aspects that should guide the next investigations. Thus, this work aims to present a systematic review of the national and international literature about the experience of women who chose not to have children. The international database *PsycInfo* was used, using the descriptors: "*Childfree*", "*Childless by choice*", "*Voluntary childless*". And the national databases *Lilacs*, *Scielo* and *Pepsic*, using the descriptor: "non-maternity". Empirical articles published between 2010 and 2020 in English, Portuguese and Spanish were included. A total of 14 articles were selected for this review. This is a qualitative research about the experience of these women, which focuses on the motivations, the decision process, the perception of motherhood and the repercussions of this choice on the relationships. International studies have shown theoretical and methodological tendencies that are not used in the national context, such as the detailed description of the participants and the use of gender and sexuality theories. Therefore, it is important to carry out more studies, especially in the Brazilian context, considering the scarcity of national literature on this phenomenon. The importance of using certain trends proposed by international studies is highlighted, as they represent a complexification of studies in this area.

**Keywords:** Childfree. Women. Literature review.

## 1 INTRODUÇÃO

Atesta-se uma expectativa social que atinge as mulheres de modo desproporcional em torno da reprodução, da criação dos filhos e das responsabilidades do âmbito doméstico. Por muitos anos, a mulher assumiu a maior responsabilidade pela esfera privada, porém, diferentes transformações políticas, sociais e históricas (Barus-Michel, 2013; Vázquez, 2014) – como a invenção da pílula anticoncepcional, o advento do feminismo, o maior acesso ao mercado de trabalho e a conquista de direitos trabalhista, o direito ao voto e à participação política – possibilitaram que as mulheres vislumbrassem possibilidades fora dessa esfera. Mesmo com o aumento da perspectiva de alcançar ambições profissionais e acadêmicas, as mulheres continuam exercendo a maior parte das atividades no âmbito privado, realidade reconhecida pela dupla jornada de trabalho (Fiorin; Oliveira; Dias, 2014). Esta realidade contribui para explicar a opção crescente de diversas mulheres em países ocidentais de adiar a maternidade até que estas ambições pessoais e profissionais sejam alcançadas (Barbosa; Rocha-Coutinho, 2007; Cisson-Evangelista; Leal; Oliveira; Menandro, 2012; Emídio; Castro, 2021). A completa renúncia da maternidade também tem sido relatada por estudos internacionais que começam a se expandir nas décadas de 60 e 70, especialmente no contexto britânico e estadunidense. (Cooper; Cumber; Hartner, 1978; Jamison, Franzini; Kaplan, 1979; Marciano, 1978; Rainwater, 1965).

A partir disso, pesquisadores têm-se debruçado no estudo do crescente fenômeno de pessoas que escolheram não ter filhos, com ênfase no estudo de mulheres que tomaram esta decisão. No início, muitos estudos não realizavam uma distinção entre não-maternidade voluntária e não-maternidade involuntária. Esta decorre de infertilidade ou de outras circunstâncias na vida da mulher que impossibilitaram a reprodução. Nos últimos anos esta distinção tornou-se mais clara, sendo utilizadas as seguintes terminologias para denominar as mulheres que escolheram não ter filhos: *childfree*, *voluntary childless*, *childless by choice*. *Childfree* é a terminologia mais utilizada atualmente no contexto acadêmico. Cabe lembrar que as denominações que incluem o termo “*childless*” podem ser estigmatizantes pelo prefixo “*less*” atribuir à ausência de uma característica (Palmer, 2019). O termo *childfree*, por outro lado, retiraria esta estigmatização presente nestas outras terminologias. O conceito de mulheres sem filhos ou mulheres *childfree* também não é consenso entre os pesquisadores, uma vez que há uma variabilidade de características encontradas em diferentes estudos que compõem a denominação *childfree*. Inicialmente os estudos compreenderam *childfree* como um estilo de vida, porém há uma tendência recente de atribuí-lo a uma identidade. Outra variação importante deve-se à ambiguidade e possibilidade de mudança. Alguns pesquisadores conceituam *childfree* como uma escolha ou identidade permanente, enquanto outros têm compreendido como *childfree* aqueles que, por um determinado período de tempo, escolheram não ter

filhos. A ambiguidade e a possibilidade de mudar de opinião passaram a fazer parte dessa denominação. Nota-se que estas conceituações seguem os resultados obtidos pelas pesquisas realizadas, de tal modo que as variações entre os conceitos se devem às variações sociais, culturais e temporais dos próprios participantes destes estudos, ou seja, das pessoas *childfree*.

Por mais que as pesquisas sobre esta temática abordem mulheres, homens e casais que escolheram não ter filhos, *há um foco maior nas mulheres que tomaram esta decisão*. Um breve histórico sobre essas pesquisas aponta que esse fenômeno começou a ser estudado no início nas décadas de 60 e 70, concentrando-se em três eixos de estudos: (1) Caracterização das mulheres que escolheram não ter filhos; (2) Como mulheres e casais que escolheram não ter filhos são percebidos; (3) Experiências de mulheres que escolheram não ter filhos: motivações, tomada de decisão e estratégias de enfrentamento.

O primeiro eixo de estudos abrange pesquisas de levantamento que objetivaram caracterizar essas mulheres. Em geral, é concluído que as mulheres sem filhos por opção são um grupo distinto, geralmente composto por mulheres brancas, com alto nível de instrução educacional e que trabalham em tempo integral. A religião também demonstra ser um fator importante, uma vez que, mulheres católicas e protestantes são mais prováveis de terem filhos, quando comparadas às mulheres sem filiação religiosa (ROVI, 1994).

Já o segundo eixo de estudos compreende pesquisas que visaram investigar como mulheres sem filhos são percebidas. Tratam-se de Pesquisas Quantitativas, geralmente realizadas em contexto estadunidense e contando com estudantes universitários como participantes. Estudos das décadas de 60 e 70 compreendem que mulheres sem filhos são percebidas como menos bem ajustadas, menos sensíveis, menos amorosas e menos felizes (Jamison; Franzini; Kaplan, 1979). Também foram percebidas como mais egocêntricas, imaturas e neuróticas (Rainwater, 1965). Já estudos dos últimos dez anos destacam que mulheres sem filhos ainda são percebidas negativamente (Ekelund; Ask, 2021). Mulheres sem filhos foram vistas como mais emocionalmente problemáticas (Koropeckyj-Cox, T. et al, 2018), possuindo vidas menos significativas (Ashburn-Nardo, 2017). Nota-se que em um período de 30 anos, as pesquisas apontaram resultados semelhantes, demonstrando que esse grupo é percebido de forma negativa e estigmatizada.

Por fim, o terceiro eixo de estudos compreende pesquisas que investigam a motivação, tomada de decisão e estratégias de enfrentamento deste grupo. Em sua maioria, são Pesquisas Qualitativas com um grande número de participantes, em que objetivavam compreender aspectos específicos desse grupo, ao invés de investigar a experiência *childfree* em profundidade. Estudos sobre as motivações destacam que as mulheres *childfree* encontraram como benefícios e motivações deste estilo de vida a liberdade

(Gillespie, 2003), maior disponibilidade de tempo pessoal e possibilidade de não se responsabilizar por outros seres humanos (Blackstone; Stewart, 2016; Gillespie, 2003). Estudos mais recentes têm destacado como motivadores as preocupações acerca do futuro do planeta, em especial as mudanças climáticas (Bodin; Björklund, 2022; Helm; Kemper; White, 2021). Em relação ao processo de decisão, muitos autores fazem uma diferenciação entre mulheres que realizaram uma decisão individual e aquelas que optaram por não ter filhos após discutirem esta questão com seu parceiro (Blackstone; Stewart, 2016). Há também conceitos históricos cunhados por Houseknecht, na década de 80, que direcionam as pesquisas atuais quanto à definição e caracterização de mulheres sem filhos. A autora realizou uma distinção das mulheres que escolhem não ter filhos em duas categorias: *early articulators* e *perpetual postponers*. O termo *early articulators* poderia ser traduzido para “articuladoras precoces” e representa as mulheres que tomaram a decisão de não ter filhos em um período inicial de sua vida reprodutiva, provavelmente na juventude. Já o termo *perpetual postponers* poderia ser traduzido para “postergadoras perpétuas”, e conceitua as mulheres que tomaram a decisão de não ter filhos após realizar uma série de postergações à maternidade (Houseknecht, 1987). Mais tarde, na década de 90, Ireland (1993) cunhou três conceitos, que se relacionam às categorias de Houseknecht (1987) que abrangiam a experiência *childfree: traditional women, transicional women* e *transformative women*. O primeiro termo poderia ser traduzido para “mulheres tradicionais”, representando as mulheres que aceitaram a realidade da não maternidade após não conseguirem ter filhos em razão de circunstâncias de vida, como a infertilidade. Já o segundo termo poderia ser traduzido para “mulheres transicionais” e representa as mulheres que postergaram a maternidade indefinidamente e, eventualmente, tomaram a decisão consciente de não ter filhos. Por fim, o termo *transformative women* poderia ser traduzido para “mulheres transformadoras” e caracteriza as mulheres que tomaram a decisão de não ter filhos.

Nesse sentido, os estudos sobre esse fenômeno são predominantemente realizados no cenário internacional, especialmente nos Estados Unidos e Reino Unido, desde a década de 60. Diversos aspectos foram estudados, porém, a maior parte destes estudos não investigam as especificidades das mulheres sem filhos, em especial a dimensão da experiência. Assim, nos últimos 10 anos os estudos internacionais que se concentram especificamente nas mulheres sem filhos tem crescido, bem como esta temática tem começado a ser estudada no Brasil. Torna-se importante compreender a literatura produzida na última década sobre este fenômeno em ascensão, em especial para compreender aspectos metodológicos e teóricos que podem ser utilizados em futuros estudos nacionais. Portanto, esse estudo tem como objetivo realizar uma revisão de estudos empíricos sobre a experiência de mulheres que escolheram não ter filhos.

## 2 MÉTODO

Foi utilizada a base de dados internacional *PsycInfo* e as bases de dados nacionais *Lilacs*, *Scielo* e *Pepsic*. Foram utilizados como critérios de inclusão para esta revisão: (1) Artigos empíricos indexados nas bases de dados selecionadas; (2) Artigos publicados entre 2010 e 2020; (3) Estudos publicados nos idiomas inglês, português e espanhol; (4) Estudos que abordassem exclusivamente a temática de mulheres que escolheram não ter filhos. Nesse sentido, foram utilizados os critérios de exclusão: (1) Dissertações, testes, livros, capítulos de livros e artigos teóricos; (2) Artigos que abordassem casais que escolheram não ter filhos, homens que escolheram não ter filhos e homens e mulheres que escolheram não ter filhos. Para a base de dados internacional foram utilizados, individualmente e na categoria *keywords*, os descritores: "*Childfree*", "*Childless by choice*", "*voluntary childless*", "*voluntary childlessness*". Já nas bases nacionais foi encontrado um único descritor compatível com a temática abordada, que se trata do termo "não-maternidade".

A busca na base *PsycInfo* resultou em 39 resultados para o descritor *childfree*, quatro para *childless by choice*, quatro para *voluntary childless* e 21 para *voluntary childlessness*. Dos 39 estudos encontrados no descritor *childfree*, foram excluídos 13 estudos, já que havia nove dissertações, um livro, dois capítulos de livro e um artigo escrito em húngaro. Já no descritor *childless by choice* foi excluído um resultado por se tratar de uma dissertação. No descritor *voluntary childlessness* foram excluídos 11 resultados por se tratarem de oito artigos repetidos, dois capítulos de livro e uma dissertação. Foram excluídos todos os resultados do descritor *voluntary childless*, por se tratar de artigos repetidos. Ao total, foram selecionados 39 artigos para a leitura dos resumos. Destes, foram excluídos 28 artigos por tratarem de temáticas que não se encaixavam no objetivo desta revisão. Oito artigos abordavam a experiência de homens e mulheres que escolheram não ter filhos; nove tratavam sobre casais que escolheram não ter filhos; seis investigavam como a escolha por não ter filhos era percebida; dois investigavam homens que escolheram não ter filhos; um realizava a validação de um instrumento; e dois tratavam de outras temáticas não relacionadas à temática. Nas bases de dados nacionais foram encontrados dois resultados para "não-maternidade" na base de dados *Scielo*, um resultado na base *Pepsic* e cinco resultados na base *Lilacs*. Foram lidos o título e resumo dos artigos encontrados. Todos os resultados encontrados na *Scielo* foram selecionados. Já o resultado encontrado na *Pepsic* não foi selecionado, pois se tratava de um estudo sobre casais sem filhos. Um resultado da *Lilacs* foi selecionado, um resultado foi descartado por se tratar de um estudo repetido e os dois restantes foram descartados por se tratarem de pesquisas sobre casais sem filhos. Todos os resultados selecionados foram lidos na íntegra e adicionados a esta revisão.

### **3 RESULTADOS**

Foram encontrados, no total, 14 estudos que investigaram a experiência de mulheres sem filhos por opção, sendo 11 estudos internacionais e três estudos nacionais. Trata-se de estudos qualitativos, em que a coleta de dados constitui-se por entrevistas semiestruturadas ou não estruturadas e foram utilizadas diferentes métodos de análise qualitativa de dados. Os estudos internacionais decorrem dos países: Estados Unidos (3), Grã-Bretanha (3), Suécia (2), África do Sul (1), Canadá (1), Austrália (1).

Os estudos internacionais realizaram descrições detalhadas do perfil sociodemográfico das participantes. Mesmo havendo uma maioria de mulheres brancas e heterossexuais de classe média, há dois estudos que investigam especificamente a realidade de mulheres lésbicas. Apenas dois estudos possuem mulheres não brancas (latinas, negras ou multirraciais) em seu quadro de participantes, embora seja minoria. Já os estudos nacionais não apresentam um detalhamento exaustivo das mulheres entrevistadas, muitas vezes não informando a cor/raça e a orientação sexual.

Os artigos selecionados foram analisados a partir da Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2006), sendo dividida em três eixos temáticos, que podem ser considerados como diferentes dimensões da experiência: (1) Motivações; (2) Processo de decisão; e (3) O impacto da decisão nos relacionamentos.

#### **3.1 MOTIVAÇÕES**

Os estudos relatam as motivações mencionadas pelas participantes para tomar a decisão de não ter filhos. Em geral, as motivações são reconhecidas como múltiplas, apesar de algumas participantes apresentarem determinada motivação como central. Foram encontradas oito motivações principais: liberdade, priorização da carreira, experiências negativas vividas na infância, circunstâncias de vida, ausência de desejo, maternidade como sacrifício e abnegação, exigências heteronormativas de família e maternidade e desigualdade de gênero.

#### **3.2 LIBERDADE**

A liberdade se mostrou central para as participantes da maioria dos estudos. Esta apresenta diferentes facetas, tanto de aspectos relacionados ao cotidiano (como manter a própria rotina de alimentação e sono), quanto de aspectos relacionados às mudanças de longo prazo (liberdade geográfica, liberdade para realizar planejamentos a longo prazo). De modo geral, trata-se de uma liberdade quanto às responsabilidades da maternidade. Estas responsabilidades restringiriam as possibilidades de escolha das participantes, uma vez que, deveriam considerar outro ser humano ao realizar qualquer planejamento.

Para as participantes do estudo de Hayfield, Terry, Clarke e Ellis (2019) a liberdade é percebida como “fazer o que querem quando querem”. Para as participantes do estudo de Peterson (2015) a liberdade foi reconhecida como o maior benefício deste “estilo de vida” e foi caracterizada, inclusive, como um aspecto importante da identidade pessoal. A liberdade assumiu diversos significados para as participantes, como a liberdade para ter o seu próprio tempo, sem a interferência de outras pessoas, bem como disponibilidade para realizar atividades criativas e intelectuais; a liberdade de manter a rotina de sono, alimentação e lazer; e a liberdade geográfica, que permite a realização de planos de viagens e trabalho. Além disso, algumas participantes recusaram coabitar com o parceiro, preferindo a opção de “viver juntos separados”, com a finalidade de preservar a liberdade (Peterson, 2015).

### **3.3 PRIORIZAÇÃO DA CARREIRA**

Os estudos nacionais e internacionais destacam a importância da carreira para as participantes (Barbosa; Rocha-Coutinho, 2012; Doyle; Pooley; Breen, 2012; Fidelis; Mossmann, 2013; Laurent-Simpson, 2017; Patias; Baues, 2012). No entanto, para algumas mulheres a carreira é reconhecida como uma motivação central para a escolha de não ter filhos (Reuter, 2019), enquanto outras a reconhecem como secundária (Hayfield; Terry, Clarke; Ellis, 2019; Peterson, 2015). O estudo de Reuter (2019) destaca-se ao apresentar a carreira como motivação central para as participantes de seu estudo. A autora entrevistou duas mulheres acadêmicas que compreendiam o impacto da maternidade em suas vidas profissionais. Entretanto, para as participantes do estudo de Peterson (2015) a escolha de não ter filhos possui um significado contrário no que se refere à carreira. Algumas participantes declararam que a ausência de filhos significava que elas podiam escapar da pressão de seguir uma carreira, pois não assumiriam com as responsabilidades de arcar financeiramente com os cuidados de uma criança.

### **3.4 EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS VIVIDAS NA INFÂNCIA**

Apenas três estudos apontam como motivação as experiências negativas vividas na infância. Há relatos de experiências de maternidade forçada na infância, especialmente no cuidado dos irmãos (Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018), ou de experiências familiares traumáticas, em que a decisão de não ter filhos está relacionada a um desejo de evitar a repetição do ciclo. Tratam-se de conflitos familiares (Shaw, 2011) ou traumas relacionados a testemunhar violência doméstica (Doyle; Pooley; Breen, 2012).

### **3.5 CIRCUNSTÂNCIAS DE VIDA**

Esta categoria compreende aquelas mulheres que optaram por não ter filhos por não se encontrarem em uma circunstância de vida favorável à maternidade. Estudos destacaram que as participantes não se sentiam emocionalmente maduras para ter filhos ou consideravam que não possuíam habilidades de vida necessárias para o exercício da maternidade. Ressaltaram a necessidade de um ambiente emocional e financeiramente estável para a criação dos filhos e reconheciam que não queriam ter filhos na ausência destes elementos (Doyle; Pooley; Breen, 2012). No artigo de DeLyser (2012) duas participantes acreditavam que se tivessem estabelecido um relacionamento amoroso poderiam ter tido filhos, porém não pretendiam seguir a maternidade solo ou estabelecer-se com “qualquer um”. Uma das participantes do estudo de Shaw (2011) apresentou como circunstância a descoberta de problemas de infertilidade do seu marido. Reforçou sua posição *childfree* ao destacar que decidiu manter-se sem filhos ao não optar pela adoção e não procurar por tratamentos de fertilidade.

De certo modo, a decisão das participantes do estudo de Reuter (2019), ao mesmo tempo em que se trata de uma escolha motivada por ambições profissionais, pode ser também compreendida como circunstanciais. Uma das participantes compreende que sua decisão estava entre formar uma família ou investir em sua carreira e destacou que as mulheres que seguem os dois caminhos podem precisar sacrificar a própria saúde. Já a segunda participante não se encontrava em um relacionamento conjugal e compreendia as dificuldades de manejar as responsabilidades de sua carreira e de uma maternidade solo.

### 3.6 AUSÊNCIA DE DESEJO

Alguns estudos indicam a ausência de desejo como motivação para a escolha de não ter filhos. Para algumas participantes esta ausência de desejo se traduz em um silêncio do relógio biológico (Hayfield; Terry; Clarke; Ellis, 2019; Peterson; Engwall, 2015). Destaca-se o estudo de Peterson e Engwall (2015), que explora este aspecto detalhadamente. As participantes desse estudo, ao invés de elencarem motivações externas, compreendiam sua escolha como uma posição natural e biológica. É nesse sentido que constroem a metáfora do “corpo silencioso”, uma vez que, a escolha de não ter filhos está condicionada ao silêncio do relógio biológico. As participantes compreendiam o desejo pela maternidade como um pré-requisito para ter filhos, sendo este como um desejo natural e impossível de resistir. No entanto, elas não vivenciaram este desejo natural, físico e biológico. Mesmo destacando sua posição *childfree*, as participantes recusam utilizar a esterilização como método contraceptivo. A irreversibilidade do método explica esta recusa, uma vez que, se estas mulheres destacaram que seus corpos estão silenciosos em relação ao desejo de ter filhos, é preciso manter a possibilidade de reprodução, caso seus relógios

biológicos deem sinais deste desejo. As autoras também compreendem que a rejeição da esterilização destaca que ser naturalmente *childfree* é um processo contínuo e não uma decisão permanente.

A percepção de "naturalmente *childfree*" também é encontrada nos estudos de Attridge e Lesch (2020) e Clarke, Hayfield, Ellis e Terry (2018). As duas pesquisas assemelham-se por investigar apenas mulheres que se reconhecem lésbicas ou *queer*, mesmo que em contextos sociais distintos. Para algumas participantes a posição *childfree* era compreendida mais como uma característica prévia do que uma escolha (Attridge; Lesch, 2020). Para outras, por mais que compreendessem a posição *childfree* como política e biograficamente baseada, também reconheciam um componente inato e essencial (Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018). Nesse sentido, enquanto as outras categorias são compreendidas como relacionadas às vivências das participantes, esta categoria é compreendida como "interna", inerente ao sujeito ou, até mesmo, biológica.

### 3.7 MATERNIDADE COMO SACRIFÍCIO E ABNEGAÇÃO

Na maior parte dos relatos dos estudos há uma percepção da maternidade como sinônimo de sacrifício e abnegação, pois esta tarefa demanda tempo, energia pessoal, preocupação, responsabilidade e gastos a nível financeiro (Clarke, Hayfield, Ellis; Terry, 2018; Doyle; Pooley; Breen, 2012; Fidelis; Mosmann, 2013; Hayfield; Terry; Clarke; Ellis, 2019; Patias; Baues, 2012). Reconhecem que as mulheres que optam por esta escolha devem abdicar de planos pessoais e profissionais para exercer a maternidade. Para algumas participantes, o sacrifício consistiria, inclusive, em uma perda de identidade (Peterson, 2015). O sacrifício maior encontraria na perda da liberdade, que se trata da principal motivação para a escolha de não ter filhos na maior parte dos estudos. Para outras participantes, há destaque o receio de sofrerem prejuízos em suas carreiras profissionais (Reuter, 2019).

### 3.8 EXIGÊNCIAS HETERONORMATIVAS DE FAMÍLIA E MATERNIDADE

Alguns estudos relataram que suas participantes apresentaram uma percepção tradicional de maternidade e família. Shaw (2011) relata que uma das participantes do estudo preocupava-se com a desfeminização que poderia sofrer por não percorrer a trajetória da maternidade. Já os estudos de Attridge e Lesch (2020) e Clarke, Hayfield, Ellis e Terry (2018) também destaca uma importante questão social, política e cultural em participantes não heterossexuais. A maternidade é percebida como uma experiência heterossexual. Algumas participantes relataram que a maternidade ocorre de modo natural para as mulheres heterossexuais, enquanto as mulheres lésbicas precisam realizar planejamento e tomar diversas decisões para tornar a maternidade possível. Também reconheceram os conflitos que podem

decorrer da reprodução assistida, como as vantagens que a mãe biológica teria em relação à outra mãe, interferindo no equilíbrio da relação familiar. Assim, há uma perspectiva heteronormativa de famílias homoparentais, que se torna evidente pelo reconhecimento dos papéis parentais de modo generificado e pela compreensão das participantes de que provavelmente teriam filhos se fossem heterossexuais. Por outro lado, muitas participantes demonstravam perspectivas políticas e revolucionárias a respeito de seu posicionamento como mulheres lésbicas na desconstrução da maternidade como fundamental para a identidade feminina (Attridge; Lesch, 2020). Ademais, a opção de não ter filhos de algumas participantes representa uma rejeição a este papel tradicional de mãe e esposa (Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018).

### **3.9 DESIGUALDADE DE GÊNERO**

Este tema relaciona-se ao anterior, uma vez que, a predominância da perspectiva tradicional de família leva a desigualdade de gênero nos relacionamentos conjugais. Participantes de estudos internacionais (Reuter, 2019; Laurent-Simpson, 2017; Peterson, 2015) e nacionais (Barbosa; Rocha-Coutinho, 2012) destacam esta preocupação com a desigualdade de gênero, caso decidissem ter filhos, uma vez que as mulheres assumem as maiores responsabilidades no cuidado da casa e dos filhos. O estudo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2012) se destaca ao investigar as perspectivas de suas participantes em relação a este aspecto. Para elas, tem ocorrido maior participação paterna nos cuidados com as crianças. No entanto, ainda recai sobre a mãe uma maior parcela de responsabilidade pelo cuidado dos filhos e realização de atividades domésticas, uma vez que, os homens não compartilham estas tarefas de forma igualitária. Apontam, também, as diferenças nas vidas das mulheres que vivem na atualidade em relação às mulheres que viveram há alguns anos, principalmente em relação à exigência do casamento, reprodução e criação dos filhos. Atualmente, a maternidade não ocupa, necessariamente, um papel na vida das mulheres e há um foco maior na atuação profissional.

### **3.10 PROCESSO DE DECISÃO**

Diversos estudos descrevem o modo como ocorre o processo de decisão de não ter filhos. Em geral, utilizam as categorias históricas propostas por Houseknecht (1987) para classificar as mulheres que se enquadram na categoria "articuladoras precoces". E dificilmente se utiliza a categoria "postergadoras perpétuas". Desse modo, este estudo optou por propor três categorias que descrevem as experiências descritas pelos artigos, relacionando-as, devidamente, com as categorias históricas propostas por Houseknecht (1987) e Ireland (1993). Assim, este estudo propõe categorias que englobam dimensões deste processo de decisão: decisão individual, decisão relacional e decisão passiva. Essas se relacionam

com as categorias históricas, mas propõem algumas modificações, a fim de abarcar as especificidades relatadas pelos estudos. Além disso, este eixo temático discute a possibilidade de arrependimento e mudança de opinião, aspectos que se inserem no processo de decisão.

### 3.11 DECISÃO INDIVIDUAL

Diversos estudos descrevem o modo como ocorre o processo de decisão. Alguns estudos utilizam a categoria proposta por Houseknecht (1987) de “articuladoras precoces” (Attridge; Lesch, 2020; Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018; Doyle; Pooley; Breen, 2012; Peterson, 2015; Peterson; Engwall, 2015) para descrever as mulheres que tomam a decisão de não ter filhos na juventude ou início da idade adulta. Esta categoria também se relaciona às “mulheres transformadoras” de Ireland (1993). No entanto, este estudo utiliza a dimensão de decisão individual, uma vez que, estas mulheres, geralmente, reconhecem suas decisões como individuais, unívocas e, em alguns casos, irreversíveis. Em geral, nota-se que estas mulheres apresentam a liberdade e a ausência de desejo como motivações principais (Attridge; Lesch, 2020; Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018; Peterson, 2015; Peterson; Engwall, 2015). Apenas um estudo destaca as experiências traumáticas vividas na infância como um dos principais motivos para esta decisão (Doyle; Pooley; Breen, 2012).

Em três estudos o status *childfree* é reconhecido mais como uma articulação do que propriamente uma escolha (Attridge; Lesch, 2020; Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018; Peterson; Engwall, 2015). Destaca-se que a maior parte das participantes do estudo de Attridge e Lesch (2020), em que 18 de 20 participantes foram caracterizadas como articuladoras precoces, relatavam que esta decisão havia sido tomada antes de iniciarem o atual relacionamento. Raramente conversavam com as parceiras amorosas sobre esta decisão, uma vez que apenas verificavam com suas parceiras, ocasionalmente, a permanência desta decisão.

### 3.12 DECISÃO RELACIONAL:

Encontram-se aqui os estudos que destacam as escolhas das participantes como dialogadas com os parceiros e relacionadas ao momento atual vivenciado por estas mulheres. Esta categoria relaciona-se com o conceito “postergadoras perpétuas” (Houseknecht, 1987) e “mulheres transicionais” (Ireland, 1993). No entanto, os estudos não utilizam estas categorias, uma vez que, em alguns casos, não descrevem mulheres que decidiram não ter filhos após uma série de postergações após atingirem o fim da possibilidade biológica de ter um filho. Desta forma, nem sempre as participantes destes estudos realizaram esta série de postergações, mas apresentaram um processo de decisão mais relacional e

contextualizado, em comparação às mulheres que tomaram decisões individuais. Os autores não propõem um conceito que identifique as experiências das mulheres, então, este estudo propõe o conceito de dimensão relacional desta escolha.

Nesta categoria estão reunidos os estudos que descrevem participantes que apresentam um processo de decisão que geralmente é dialogado e renegociado com parceiros amorosos (Hayfield; Terry; Clarke; Ellis, 2019); relaciona-se aos planejamentos pessoais e profissionais que as participantes realizaram (Reuter, 2019); e pode, inclusive, ser repensada em diferentes momentos de suas vidas (Delyser, 2012). Shaw (2011) enfatiza a complexidade das trajetórias de vida das participantes do estudo e os fatores que as levaram à escolha de não ter filhos. É compreendido que esta escolha é relacional e historicamente baseada, uma vez que há influência de suas histórias pessoais e relacionamentos afetivos. As mulheres que se encontram nesta categoria, em geral, apresentam como motivações mais fatores externos que internos, como a liberdade e a priorização da carreira.

Além disso, estudos internacionais também discutem implicações sociais relacionadas à escolha de não ter filhos, dando foco nos contextos histórico, político e social em que as participantes estão inseridas. Trata-se de aspectos relacionais, pois os aspectos políticos, culturais e sociais implicam na escolha de não ter filhos. Nesse sentido, Peterson (2015) analisa o foco na liberdade como motivação das participantes suecas a partir da compreensão das sociedades de bem-estar nórdicas, onde é esperado que mulheres e homens combinem a parentalidade com a carreira profissional. Assim, o foco na carreira não se torna uma justificativa suficiente para explicar a não-maternidade nesse contexto. A autora também compreende que devido à crescente individualização das mulheres, as trajetórias femininas têm se aproximado das trajetórias masculinas, o que estaria relacionado à uma perspectiva feminina que ultrapassa o âmbito doméstico. Ainda na sociedade sueca, Peterson e Engwall (2015) destacam que as normas parentais do país compreendem que a criança não precisa ser planejada, mas deve ser desejada. Tendo em vista as percepções sobre parentalidade na sociedade sueca, uma posição essencialista biológica permite a construção de uma motivação legítima e significativa para a escolha de não ter filhos, bem como contribui para a posição *childfree* seja menos estigmatizada. Já Attridge e Lesch (2020) concluem que as participantes do seu estudo, apesar de possuírem certo nível de privilégios, como mulheres educadas de classe média, que auxiliam a proporcionar maior liberdade e oportunidade para adotar concepções alternativas de maternidade e família, apresentaram visões tradicionais destas esferas. Compreendem que estas percepções tradicionais podem decorrer da falta de construções validadas de maternidade lésbica, bem como outras possibilidades de arranjos familiares contemporâneos no contexto sul-africano. Reuter (2019) relata um comprometimento das participantes com a justiça social, reconhecido nas decisões

reprodutivas das participantes. Essas percebem a decisão de não ter filhos como responsável, ao invés de egoísta. A autora conclui que essas mulheres tomaram decisões coerentes com o que é pregado pela cultura neoliberal, em que cuidar de si é fundamental para poder cuidar do outro, demonstrando que não realizaram uma decisão egoísta. Assim, quando os indivíduos escolhem não ter filhos por preocuparem-se com a redução da produtividade ou por reconhecerem que os filhos poderão interferir em seu estilo de vida, estão seguindo o imperativo neoliberal.

### 3.13 DECISÃO CIRCUNSTANCIAL

Esta categoria compreende um processo de decisão que está mais relacionado às circunstâncias de vida das participantes, do que a um processo ativo de tomada de decisão. Esta categoria relaciona-se ao conceito de “mulher tradicional” (Ireland, 1993). É possível relacionar esta categoria ao eixo temático anterior, especificamente em relação às participantes que demonstraram as circunstâncias de vida como motivação para a ausência de filhos. Em geral, estas participantes demonstraram uma conformação com sua posição *childfree*, ou um sentimento de arrependimento. O arrependimento foi notado em duas participantes do estudo de DeLyser (2012) e Fidelis e Mossmann (2013). Já uma conformação e ressignificação desta posição podem ser encontradas no estudo de Shaw (2011). Assim, pode-se inferir que estas participantes tomaram uma decisão de não ter filhos, apesar de circunstâncias desfavoráveis, ao não optar por outras alternativas. Por mais que estas mulheres desejaram ter filhos no passado, houve uma decisão de não ter filhos por meio de adoção, fertilização ou maternidade solo. Assim, foram caracterizadas em seus respectivos estudos como mulheres sem filhos por opção. Para uma participante do estudo de Shaw (2011) que destacou a infertilidade do marido como circunstância de vida impeditiva da maternidade, a sua posição *childfree* foi identificada pela autora como estratégia de enfrentamento, permitindo que tivesse um senso de controle interno sobre a impossibilidade de ter filhos.

### 3.14 POSSIBILIDADE DE ARREPENDIMENTO E MUDANÇA DE OPINIÃO

A maior parte dos estudos trata deste aspecto do processo de decisão de forma secundária. Em geral, as participantes identificadas como articuladoras iniciais nestes estudos costumam afastar a possibilidade de arrependimento de sua decisão de não ter filhos. Por outro lado, grande parte dos estudos compreende as escolhas reprodutivas como relacionais e circunstanciais, não extinguindo a possibilidade de arrependimento e mudança de opinião destas mulheres. Assim, a categoria *childfree* não é compreendida como estanque e imutável.

No entanto, há dois estudos que focam no arrependimento e na possibilidade de mudar de opinião. O estudo de DeLyser (2012) investigou a possibilidade de arrependimento em mulheres que atingiram a meia-idade. Supunha-se que alcançar a menopausa poderia despertar sentimentos específicos nas mulheres, como o arrependimento por não terem tido filhos. Os resultados demonstram que apenas duas mulheres demonstraram arrependimento pela escolha de não ter filhos. A primeira relata que a ausência de filhos ocorreu devido ao seu casamento com um homem dez anos mais velho. Já a segunda participante relatou que poderia se sentir arrependida desta escolha na velhice. A autora destaca que, de modo geral, as falas das duas mulheres apontam para preocupações naturais acerca da solidão, velhice e expectativas de conexões emocionais. Já as demais mulheres não demonstraram arrependimento, inclusive se mostraram satisfeitas ou aliviadas com a chegada da menopausa, pois representava o fim de período reprodutivo, bem como o fim dos sintomas do período menstrual. Muitas mulheres relataram que reavaliaram a decisão de não ter filhos em algum momento de suas vidas, especialmente após determinados eventos, como a gravidez de uma colega de trabalho ou a morte de algum familiar.

A pesquisa de Moore (2017), por outro lado, investigou a experiência de mulheres que se declaravam *childfree*, mas, posteriormente, tiveram filhos. Algumas destas mulheres, inclusive, foram caracterizadas como articuladoras precoces e reconheciam sua decisão como unívoca e irreversível. A pesquisadora apontou três realidades destacadas pelas participantes. A primeira retrata o cenário de uma gravidez acidental, em que a maior parte das participantes encontrava-se no fim da adolescência ou início da idade adulta quando a gravidez ocorreu. Em alguns casos houve falha dos métodos anticoncepcionais, já em outros casos não foi usado nenhum método, pois a participantes "contaram com a sorte" ou presumiram ser inférteis. Ao saber da gravidez experimentaram sentimentos negativos e, por vezes, consideraram realizar um aborto, porém desconsideraram esta possibilidade devido, principalmente, ao estigma negativo que é socialmente associado a este. Já a segunda realidade aponta para participantes que vivenciaram um desejo ambíguo em relação à maternidade. Todas estas se encontravam em relacionamentos sérios ou casamentos e muitas tomaram a escolha de não se protegerem contra uma gravidez. Tornaram-se ambivalentes à maternidade devido a uma confluência de fatores. No entanto, muitas ainda vivenciaram conflitos quando souberam que engravidaram e até mesmo consideraram a possibilidade de aborto.

Por último, a terceira realidade demonstra as participantes que mudaram de opinião quanto à decisão de não ter filhos, sendo definida como uma decisão com propósito. Quando tomaram esta decisão as participantes se encontravam em relacionamentos sérios e tinham entre 20 e poucos anos e final dos 40 anos. Buscaram a maternidade ao parar de utilizar métodos contraceptivos ou realizando

intervenções médicas. Em relação aos fatores que levaram à mudança de decisão, tem-se: o surgimento de um desejo pela maternidade descrito como um “chamado” do relógio biológico; decisão conjunta realizada com o parceiro amoroso; ou eventos que as fizeram repensar a maternidade, como mortes na família (Moore, 2017).

### **3.15 O IMPACTO DA DECISÃO NOS RELACIONAMENTOS:**

Este eixo temático reúne os achados dos artigos no que se refere à forma que a escolha de não ter filhos impacta nos relacionamentos familiares, conjugais, interpessoais, comunitários e laborais das participantes. Foram divididos em duas categorias: Novos arranjos e possibilidades de interação; Pressões e estratégias de enfrentamento.

### **3.16 NOVOS ARRANJOS E POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO**

Parte dos estudos destaca que a escolha de não ter filhos impactou os relacionamentos vivenciados pelas participantes, especialmente para a ampliação de relações significativas para além do contexto familiar tradicional. Assim, as relações de amizade, laborais ou comunitárias recebem diferentes contornos e significados para estas mulheres. Isto compreende que há diversas formas de interagir e significar os relacionamentos vivenciados. Assim, a necessidade de interação, contato e generatividade estão presentes nas vidas das participantes, porém não são vivenciadas de modo socialmente convencional.

Para as participantes do estudo de Fidelis e Mossmann (2013) há uma valorização dos relacionamentos de amizade. Também destacaram possuir uma vida social intensa, consequência, inclusive, da escolha de não ter filhos (Fidelis; Mossmann, 2013). Já Hayfield, Terry, Clarke e Ellis (2019) destacam que os relacionamentos de amizade ganham um novo significado para as participantes identificadas como LBQA (lésbicas, bissexuais, *queer* e assexuais), pois a escolha de não ter filhos também era compreendida como uma forma de construir uma família de forma diferente, distante dos ideais heteronormativos. Assim, rejeitaram as definições tradicionais de família e relataram construir relacionamentos familiares de um modo diferente do que é esperado socialmente, com as práticas de “família de escolha”.

Doyle, Pooley e Breen (2012) reportam a valorização dos relacionamentos laborais e comunitários, a partir do engajamento em atividades produtivas em suas carreiras, trabalhos voluntários e relacionamentos com a família extensa. Estes relacionamentos foram importantes, inclusive, para que as participantes expressassem a generatividade nestes relacionamentos, contestando a percepção de que a generatividade é expressa apenas na geração e criação dos filhos. Há também uma valorização das

interações vivenciadas com crianças. Estas interações demonstram que a interação com as crianças pode existir a partir de diferentes arranjos, o que questiona o relacionamento parental como forma única ou privilegiada de proximidade e cuidado às crianças. Mesmo que alguns estudos apontem participantes que relataram desgosto por crianças ou dificuldade de interação com estas (Attridge; Lesch, 2020; Laurent-Simpson, 2017), há participantes que relataram possuir apreço por crianças, manter relacionamentos com sobrinhos e afilhados ou interagir com crianças em seus ambientes de trabalho (Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018; Delyser, 2012; Peterson, 2015).

Algumas participantes relataram uma dificuldade de interação com crianças, porém nenhuma delas reportou sentimentos de desprezo ou ódio. Por mais que essa seja uma temática amplamente abordada, não se inclui como motivação para não ter filhos, para a maior parte das participantes, uma vez que os aspectos abordados no primeiro eixo temático se revelaram de maior importância para a tomada de decisão. Em alguns estudos compreende-se que a rejeição pela maternidade não era equivalente à rejeição de crianças, uma vez que, rejeitavam-se os significados dados à maternidade em uma sociedade patriarcal e a compreensão dominante de feminilidade (Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018), bem como a rejeição às mudanças que os filhos provocam na vida dos pais (Peterson, 2015). Além disso, as participantes do estudo de Hayfield, Terry, Clarke e Ellis (2019) destacaram que resistem ao estereótipo de que mulheres sem filhos por opção odeiam crianças.

Além da interação com crianças, alguns estudos reportam o significado das interações com animais de estimação. Reitera-se que este tema também não apresenta unanimidade, uma vez que, os animais apresentam diferentes significados para estas mulheres. No estudo de Laurent-Simpson (2017) os animais de estimação possuíam importância central na decisão de não ter filhos. Grande parte dos participantes apresentaram comportamentos parentais, semelhantes a mães cuidando de seus filhos, como cuidados de saúde, desenvolvimento social, desenvolvimento de uma relação parental e modificação da rotina de acordo com as necessidades destes. Muitas participantes não percebiam seus animais como filhos substitutos, mas como membros da família. Um terço das participantes destacou ter escolhido os animais de estimação ao invés de crianças, devido a uma antipatia por crianças, relações mais satisfatórias proporcionadas por animais de estimação ou uma forma de atrasar a maternidade. A autora compreende que a escolha pelos animais de estimação foi baseada em análises de custo-benefício entre crianças humanas e animais de estimação, além de apresentarem como uma alternativa para lidar com as pressões pela maternidade, a fim de contornar forças biológicas, socioculturais ou biossociais que poderiam, de outra forma, aumentar a pressão para ter filhos humanos.

Enquanto que, para algumas participantes do estudo de Doyle, Pooley e Breen (2012) e Clarke, Hayfield, Ellis e Terry (2018) os animais também se mostraram importantes. Já as participantes da pesquisa de Peterson (2015) decidiram não ter animais de estimação, pois compreendiam que estes podem limitar a liberdade individual. Além disso, por mais que demonstrassem a importância dos animais de estimação, as participantes da pesquisa de Clarke, Hayfield, Ellis e Terry (2018) queriam se distanciar dos estereótipos que envolvem as mulheres lésbicas, como mulheres que utilizam gatos como substitutos de crianças.

### **3.17 PRESSÕES E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO**

As pressões e críticas relacionadas à escolha de não ter filhos também possuem um impacto importante nas experiências destas mulheres, uma vez que influem nos relacionamentos familiares, conjugais, interpessoais e laborais. As participantes de diversos estudos compreendem que há uma pressão social em torno da maternidade (Barbosa; Rocha-Coutinho, 2012; Clarke; Hayfield; Ellis; Terry, 2018; Hayfield; Terry; Clarke; Ellis, 2019; Laurent-Simpson, 2017; Shaw, 2011). Estas expectativas podem ser internalizadas, conforme exemplificado pelo relato de uma das participantes do estudo de Shaw (2011), que demonstrou sentir-se estigmatizada pela escolha de não ter filhos, acreditando que as pessoas a viam como uma aberração, devido à sua inadequação às expectativas sociais. Por outro lado, participantes do estudo de Clarke, Hayfield, Ellis e Terry (2018) relataram que amigos e familiares não esperavam que elas seguissem o caminho da maternidade. No entanto, estas mulheres reconhecem que o *"baby boom"* lésbico resultou em maior reconhecimento da maternidade lésbica, sendo assim, algumas participantes compreendem sua influência na imposição de expectativas heteronormativas em suas vidas.

Muitas vezes, estas expectativas são compartilhadas por familiares, amigos ou colegas (Doyle; Pooley; Breen, 2012; Fidelis; Mosmann, 2013; Reuter, 2019) e podem vir acompanhadas de críticas destas pessoas, ou até mesmo, de modo impessoal, através das redes sociais (Doyle; Pooley; Breen, 2012). Alguns estudos apontam estratégias de enfrentamento para lidar com estas pressões e críticas. Na pesquisa de Doyle, Pooley e Breen (2012) as participantes destacam que procuram reagir às críticas com humor ou fingir que sobrinhos eram seus próprios filhos ao fazer compras, para evitar julgamentos. Já Laurent-Simpson (2017) destaca que a opção por animais de estimação, para algumas participantes, representa uma estratégia para lidar com as pressões em torno da maternidade.

## **4 DISCUSSÃO**

A quantidade de estudos encontrados nessa revisão atesta o quanto a escolha de não ter filhos ainda é invisibilizada. Compreende-se que se trata de uma temática tabu até mesmo na comunidade acadêmica, pois ainda prevalece uma percepção de que a maternidade está vinculada à identidade feminina. Isto é ainda mais perceptível nos estudos nacionais, uma vez que não há descritores apropriados para realizar uma busca de estudos sobre esta temática. Foi encontrado um único descritor: "não-maternidade", que pode abranger tanto a escolha de não ter filhos, quanto a sua impossibilidade. Já no cenário internacional há uma variedade de descritores que são utilizados e debatidos há décadas, como "*childfree*", "*childless by choice*" e "*voluntary childless*". A própria ausência de um termo para esta realidade no contexto nacional, mostra o quanto este fenômeno segue invisibilizado e pouco investigado. Isto remonta aos estudos da área, em especial, os estudos desenvolvimentais, que colocam a maternidade no centro da experiência da mulher.

Por mais que os estudos internacionais realizem uma importante caracterização das participantes em termos de marcadores sociais e contextos sociais e políticos específicos, não discutem quais as implicações da escolha de não ter filhos ser um fenômeno vivenciado principalmente por mulheres brancas de classe média. No entanto, uma questão levantada por essa revisão refere-se à própria possibilidade de escolha dentro de uma perspectiva neoliberal. Assim, questiona-se: o quão possível é realizar escolhas reprodutivas dentro deste contexto? Quais mulheres podem efetivamente escolher não ter filhos? Mulheres brancas de classe média estão escolhendo não ter filhos, ou há mulheres que, a partir de determinados marcadores sociais, são impedidas de realizar estas escolhas? Como os aspectos de classe e cor/raça influenciam a possibilidade de realizar escolhas reprodutivas?

Estas questões precisam ser debatidas, a fim de compreender a própria possibilidade de realizar escolhas reprodutivas. Quais mulheres podem e quais mulheres não podem escolher? Enquanto os estudos internacionais necessitam aprofundar estas questões, é preciso que os estudos nacionais comecem a reconhecer que este é um fenômeno que implica em um público específico em termos de gênero, cor/raça e classe. Nesse sentido, os estudos nacionais precisam avançar na própria caracterização das participantes, uma vez que não realizam uma caracterização que considere os marcadores sociais da diferença.

Em relação às categorias temáticas utilizadas na análise dos dados, estas refletem a teorização proposta por esta revisão, a partir dos estudos selecionados, em relação à experiência de não ter filhos, que abarcaria como dimensões: as motivações para esta escolha, o processo de decisão e as repercussões nos diferentes relacionamentos vivenciados. Diversos estudos investigaram estes diferentes aspectos, mas não pontuaram as dimensões que refletem a experiência. É destacada a importância de estudos

que compreendam a experiência como um todo, especialmente no que se refere às repercussões desta escolha na vida das mulheres. Isto se torna essencial ao denotarmos os estudos realizados nos últimos dez anos que têm demonstrado, para além dos aspectos individuais relacionados à escolha, a importância dos aspectos relacionais.

Nesse sentido, a partir dos estudos analisados, conclui-se que a experiência das mulheres sem filhos é contextual, não-linear, bem como não exclui a ambivalência. Destaca-se essa perspectiva na compreensão destes estudos, especialmente os internacionais, a respeito do conceito *childfree*. A maior parte dos estudos não o considera como uma identidade, mas como uma posição ou *status*. Não se espera que esta posição seja fixa e imutável, pois compreendem que a complexidade, ambivalência, mudança de opinião e não-linearidade estão presentes nas experiências humanas. Até mesmo os estudos que apontam participantes que reconhecem o *status childfree* como unívoco e irreversível, enfatizam o quanto esta experiência relaciona-se com o contexto histórico e social em que se encontram. Mesmo as mulheres que mudaram de opinião ou se arrependeram posteriormente são reconhecidas como *childfree*, uma vez que *childfree* é reconhecido como uma posição transitória ou permanente. No estudo de Peterson e Engwall (2015) os autores reconheceram como *childfree* uma mulher que já havia dado a luz à uma criança, mas reconhecia-se *childfree*. Nesse sentido, mais que uma categoria proposta e catalogada por pesquisadores, tem-se o reconhecimento da autoidentificação, prevalecendo a forma que as mulheres se reconhecem e dão sentido às suas vivências.

Destaca-se a sobreposição de algumas categorias propostas para a análise de dados, que se explica pela complexidade das experiências destas mulheres. Apesar disto, é possível traçar semelhanças, como o reconhecimento de tendências destas experiências, especialmente no que se refere às motivações e processo de decisão. Diante disso, as categorias cunhadas por Houseknecht (1987) e Ireland (1993) ainda que tenham sido definidas nas décadas de 80 e 90, respectivamente, mostram-se atuais para a caracterização da experiência. No entanto, nota-se que é necessária a atualização destas, bem como a sua flexibilização, a fim de abranger a amplitude e a complexidade das experiências destas mulheres. Esta atualização é proposta neste estudo, uma vez que estas categorias tradicionais compreendem que as mulheres que escolheram não ter filhos podem ser categorizadas a partir do processo de decisão. No entanto, os estudos utilizados nesta revisão têm demonstrado que o processo de decisão não é linear ou estático. Uma mesma mulher pode apresentar características de diferentes categorias em seu processo de decisão. Este estudo, portanto, propõe que o processo de decisão, ao invés da mulher, seja categorizado entre: decisão individual, decisão relacional e decisão passiva. É proposto, também, que esses diferentes processos podem ser reconhecidos em uma mesma mulher.

Ademais, compreende-se que, para a maior parte das mulheres entrevistadas nestes estudos, a escolha pela não-maternidade está direta ou indiretamente relacionada à posição que a mulher ocupa na sociedade. Grande parte das motivações elencadas relaciona-se com a impossibilidade de atingir sucesso em ambições pessoais e profissionais e, ao mesmo tempo, ter disponibilidade de tempo, financeira e emocional para cuidar de uma criança. Isso relaciona-se, especialmente, com uma responsabilização desproporcional da mulher pelo cuidado dos filhos. Assim, os homens não enfrentam os mesmos desafios e pressões que as mulheres ao optar pela parentalidade. Dificilmente espera-se que os homens façam os mesmos sacrifícios em suas carreiras e vidas pessoais, a fim de acomodar os cuidados de uma criança.

Além disso, há uma valorização da família nuclear nas sociedades ocidentais, que se relaciona com uma rede de cuidados insuficiente, que acarreta em uma sobrecarga dos pais e, especialmente, da mulher. Deste modo, questiona-se se, para parte destas mulheres, a escolha de não ter filhos está mais relacionada a um desejo de não ter filhos ou à negação de uma maternidade tradicional que oferece riscos de anulação da identidade feminina em detrimento do papel materno. Pode-se considerar que há mulheres que identificam a ausência de desejo pela maternidade, enquanto há mulheres que reportam a ausência do desejo de ser mãe na sociedade atual, em que a maternidade é significada como sacrifício, abnegação e responsabilização individual. Nesse sentido, quais mudanças seriam necessárias para aumentar a igualdade de gênero nos cuidados da casa e dos filhos e estabelecer maior rede de cuidados? Percebe-se que esta percepção nuclear e tradicional de família e maternidade também está presente nos discursos de diferentes participantes destes estudos. Muitas vezes, há uma ambivalência no discurso, em que há um questionamento sobre a desigualdade que a mulher vivencia no cuidado dos filhos, porém, há uma percepção generificada e heteronormativa de família e maternidade. Ao mesmo tempo em que questionam as expectativas sociais que as oprimem, também as reforçam. Isto pode ser compreendido pela multiplicidade de discursos que existem em grande parte das sociedades, coexistindo discursos tradicionais, religiosos, neoliberais, feministas, entre outros. Esta ambivalência, muitas vezes, se faz presente nos discursos sociais e está refletida nas perspectivas destas mulheres.

Destaca-se também que parte das participantes, geralmente caracterizadas como “articuladoras precoces”, possuem como principais motivações de sua escolha uma ausência de desejo pela maternidade e a compreensão da liberdade como bem inalienável. Geralmente fazem esta escolha na infância, juventude ou início da idade adulta e compreendem esta decisão como única e definitiva. Assim, a decisão destas mulheres não se relaciona, prioritariamente, à desigualdade de gênero no exercício da maternidade. Do mesmo modo, é essencial que mudanças sociais ocorram para que estas mulheres tenham suas escolhas reprodutivas respeitadas e não vivenciem pressões e críticas que exijam a maternidade. Nesse

sentido, torna-se importante pensar em uma sociedade que admita uma multiplicidade de escolhas pessoais, profissionais, conjugais e familiares das mulheres. Em relação à maternidade, seria necessário que a mulher que opta pela maternidade possa exercê-la sem a sobrecarga que atualmente enfrenta. A sobrecarga não se relaciona apenas a um excesso de tarefas, mas aos julgamentos e críticas que também sobrecarregam a mãe. Portanto, questiona-se: o quanto a mulher pode realizar escolhas reprodutivas? Quais mulheres são influenciadas pelo contexto neoliberal a realizar a escolha de não ter filhos e quais mulheres são completamente impedidas de escolher? O quanto o contexto neoliberal cria a ilusão de liberdade e escolha, ao mesmo tempo em que restringe as possibilidades de ser mãe e mulher na sociedade atual.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista a escassez de estudos nacionais que abordam esta temática, esta revisão propôs algumas considerações para a realização de estudos futuros no país. Em primeiro lugar, é proposta uma conceituação de experiência de não ter filhos a partir dos presentes estudos. Compreende-se que o conceito de experiência aborda as seguintes dimensões: motivações, processo de decisão e repercussões desta escolha nos relacionamentos estabelecidos. Também foi proposto que categorias tradicionais pudessem ser reeditadas em estudos futuros, a fim de compreender a escolha de não ter filhos como um processo não linear, em que a ambivalência se faz presente. Ademais, atesta-se para a necessidade de realização de novos estudos, tanto no cenário nacional quanto no internacional, uma vez que foram encontrados poucos estudos que se propusessem a investigar esta temática. Para novos estudos nacionais, esta revisão propõe que algumas tendências internacionais possam ser seguidas, como a maior caracterização das participantes e uma compreensão generificada deste fenômeno.

## **REFERÊNCIAS**

ASHBURN-NARDO, L. Parenthood as a moral imperative? Moral outrage and the stigmatization of voluntarily childfree women and men. **Sex roles**, v. 76, n. 5, p. 393-401, 2017.

ATTRIDGE, N.; LESCH, E. Inconceivable: South African lesbians talking about being voluntary childfree. **Sex Roles**, v. 83, n. 9-10, p. 636-655, 2020.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 577-587, 2012.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia clínica**, v. 19, p. 163-185, 2007.

BARUS-MICHEL, J. A interpretação da diferença dos sexos: inferioridade, estranheza, variedade, igualdade. **Psicologia em Revista**, v. 19, n. 1, p. 1-16, 2013.

BLACKSTONE, A.; STEWART, M. D. "There's more thinking to decide" how the childfree decide not to parent. **The Family Journal**, v. 24, n. 3, p. 296-303, 2016.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BODIN, M.; BJÖRKLUND, J. "Can I take responsibility for bringing a person to this world who will be part of the apocalypse!?!": Ideological dilemmas and concerns for future well-being when bringing the climate crisis into reproductive decision-making. **Social Science & Medicine**, v. 302, p. 114985, 2022.

CISCON-EVANGELISTA, M. R. et al. Pós-graduação, formação profissional e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado. **Psicologia e Saber Social**, v. 1, n. 2, p. 265-277, 2012.

CLARKE, V. et al. Lived experiences of childfree lesbians in the United Kingdom: A qualitative exploration. **Journal of Family Issues**, v. 39, n. 18, p. 4133-4155, 2018.

COOPER, P. E.; CUMBER, B.; HARTNER, R. Decision-making patterns and postdecision adjustment of childfree husbands and wives. **Alternative Lifestyles**, v. 1, p. 71-94, 1978.

DELYSER, G. At midlife, intentionally childfree women and their experiences of regret. **Clinical Social Work Journal**, v. 40, p. 66-74, 2012.

DOYLE, J.; POOLEY, J. A.; BREEN, L. A phenomenological exploration of the childfree choice in a sample of Australian women. **Journal of Health Psychology**, v. 18, n. 3, p. 397-407, 2013.

EKELUND, M.; ASK, K. Stigmatization of Voluntarily Childfree Women and Men in the UK. **Social Psychology**, 2021.

EMIDIO, T. S.; CASTRO, M. F. Entre Voltas e (Re) voltas: um Estudo sobre Mães que abandonam a Carreira Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, 2021.

FIDELIS, D. Q.; MOSMANN, C. P. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. **Aletheia**, n. 42, 2013.

FIORIN, P. C.; OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 15, n. 1, p. 25-35, 2014.

GILLESPIE, R. Childfree and feminine: Understanding the gender identity of voluntarily childless women. **Gender & Society**, v. 17, n. 1, p. 122-136, 2003.

HAYFIELD, N., TERRY, G., CLARKE, V., & ELLIS, S. "Never say never?" heterosexual, bisexual, and lesbian women's accounts of being childfree. **Psychology of Women Quarterly**, v. 43, n. 4, p. 526-538, 2019.

HELM, S.; KEMPER, J. A.; WHITE, Samantha K. No future, no kids—no kids, no future? An exploration of motivations to remain childfree in times of climate change. **Population and Environment**, v. 43, p. 108-129, 2021.

HOUSEKNECHT, S. Voluntary Childlessness. In M. Sussman & S. Steinmetz (Eds.), *Handbook of marriage and the family* (pp. 369-395). 1987.

IRELAND, M. S. *Reconceiving women: Separating motherhood from female identity*. 1993.

JAMISON, P. H.; FRANZINI, Louis R.; KAPLAN, R. M. Some assumed characteristics of voluntarily childfree women and men. **Psychology of Women Quarterly**, v. 4, n. 2, p. 266-273, 1979.

KOROPECKYJ-COX, T. et al. University students' perceptions of parents and childless or childfree couples. **Journal of Family Issues**, v. 39, n. 1, p. 155-179, 2018.

LAURENT-SIMPSON, A. "They make me not wanna have a child": Effects of companion animals on fertility intentions of the childfree. **Sociological Inquiry**, v. 87, n. 4, p. 586-607, 2017.

MARCIANO, T. D. Male pressure in the decision to remain childfree. **Alternative Lifestyles**, v. 1, p. 95-112, 1978.

PALMER, E. The "empty womb" in the therapy room? The taboo and potency of the other than mother/childfree body. **Psychotherapy and Politics International**, v. 17, n. 3, p. e1508, 2019.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. "Tem que ser uma escolha da mulher"! representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 300-306, 2012.

PETERSON, H.; ENGWALL, K. Silent bodies: Childfree women's gendered and embodied experiences. **European Journal of Women's Studies**, v. 20, n. 4, p. 376-389, 2013.

PETERSON, H. Fifty shades of freedom. Voluntary childlessness as women's ultimate liberation. In: **Women's studies international forum**. Pergamon, 2015. p. 182-191.

RAINWATER, L. **Family design: Marital sexuality, family size, and contraception**. Routledge, 2017.

REUTER, S. Z. Certainty as social justice: Understanding childless academic women's reproductive decisiveness. In: **Women's Studies International Forum**. Pergamon, 2019. p. 104-113.

SHAW, R. L. Women's experiential journey toward voluntary childlessness: An interpretative phenomenological analysis. **Journal of community & applied social psychology**, v. 21, n. 2, p. 151-163, 2011.

VÁZQUEZ, G. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, v. 3, n. 6, p. 167-181, 2014.